

JUVENTUDE URBANA E UNIVERSITÁRIA SEM RELIGIÃO COM CRENÇA: INDÍCIOS DE FRAGILIZAÇÃO DA HERANÇA RELIGIOSA

Claudia Danielle de Andrade Ritz¹

Esta comunicação é parte integrante da pesquisa de doutorado que versou sobre o fenômeno dos sem religião. Considerando a pesquisa de campo realizada com a juventude urbana e universitária da PUC Minas, objetivamos apresentar o perfil socioeconômico das pessoas sem religião com crença e alguns dados relativos à transmissão da tradição e da memória religiosa entre os jovens urbanos. Defendemos a tese de que há fragilização da herança religiosa e recomposição da memória, notando a urbanização como um importante contributo de reconfiguração identitária. Neste sentido, refletiremos sobre os aspectos que integram a memória e a herança religiosa na relação com a atual identificação religiosa “*Eu sem religião com crença.*” A metodologia utilizada foi mista, composta pelas pesquisas bibliográfica e de campo, realizada com jovens universitários da PUC Minas. A partir das contribuições dos jovens urbanos sem religião com crença, concluímos que, predominantemente, não há engajamento na transmissão da tradição, a memória religiosa é definida mormente como mera lembrança, ecoando indícios de fragilização herança religiosa.

Palavras-chave: Juventude urbana sem religião com crença. Identidade. Transmissão da Tradição. Fragilização da herança religiosa. Memória religiosa.

1. Introdução

Esta comunicação é parte integrante da pesquisa de doutorado que versou sobre os indivíduos que se autodeclararam no Censo religioso do IBGE (2010) como *sem religião*². O fenômeno do sem religião é composto por ateus, agnósticos e sem religião sem religião, sendo este último designado por nós como sem religião com crença (RITZ,

¹ Doutora em Ciências da Religião pela PUC Minas. Doutora em Estudos da Religião na Universidade Católica Portuguesa. Trabalho realizado no doutorado como bolsista FAPEMIG. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura na PUC Minas. Mestra em Ciências da Religião na PUC Minas como bolsista CAPES. Bacharel em Direito pela PUC Minas. Especialista em Direito do Trabalho pela UCAM RJ. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. E-mail: claudiaritz7@gmail.com

² O detalhamento sobre o Censo 2010 pode ser verificado em (RITZ, 2023b); (RITZ, SENRA, 2022) e (VIEIRA, 2020).

2023b). Esta comunicação trata especificamente das pessoas sem religião com crença. A metodologia utilizada na pesquisa foi mista (CRESWELL; CLARK, 2011), abrangendo pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2012), ocorreu mediante questionário estruturado digital no mês de setembro de 2020, com a juventude urbana e universitária da PUC Minas, incluindo discentes da graduação matriculados na disciplina de Cultura Religiosa e da pós-graduação do PPGCR em Ciências da Religião.

A participação na pesquisa de campo realizada na PUC Minas, foi gratuita, facultativa³ e voluntária. Alcançamos um total de (75a)⁴ participantes 100% e a amostragem não foi probabilística. A pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 84) nos permitiu compreender melhor o fenômeno dos sem religião na juventude urbana universitária. A abordagem deste texto se restringe à juventude urbana e universitária sem religião com crença. Iniciaremos pela síntese do perfil das pessoas sem religião para posteriormente apresentarmos dados que sugerem indícios de fragilização da herança religiosa nos jovens sem religião.

2. Síntese dos dados do perfil das pessoas sem religião com crença

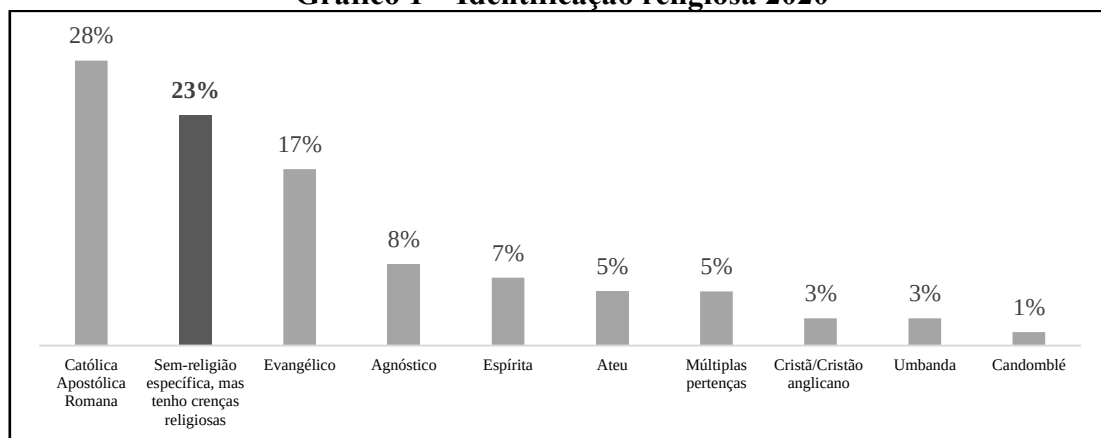
A nossa pesquisa de campo, composta por 75 participantes compreendeu discentes da graduação 76% e discentes da pós-graduação em Ciências da Religião 24%, os quais foram indagados sobre dados socioeconômicos e sobre a própria identificação religiosa (HALL, 2019) indicando um traço identitário⁵. De acordo com o gráfico a seguir, é possível verificarmos pluralidade de identificações religiosas.

³ Pesquisa aprovada: CAAE: 24706819.4.0000.5137, mediante o Parecer Consubstanciado do CEP: n.: 3.717.358 expedido em 21 de novembro de 2019 e emenda para conversão em questionário digital em razão da pandemia da Covid-19, aprovada pelo Comitê de ética da PUC Minas mediante o Parecer Consubstanciado do CEP n.: 4.264.447, expedido em 08 de setembro de 2020.

⁴ A designação (75a), corresponde ao número absoluto de participantes. A letra “a” corresponde à indicação de número absoluto.

⁵ A religião não constou nas indicações das pessoas sem religião como atividade escolhida em momentos livres, mas as expressões de arte configuraram como atividades de maior preferência, indicando traços identitários desses jovens urbanos. (RITZ, 2023a).

Gráfico 1 – Identificação religiosa 2020



Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2020.

A análise sobre as plurais identificações religiosas será objeto de outro estudo. Nessa comunicação, o objetivo se concentra nas pessoas sem religião com crença e aspectos de fragilização da herança religiosa.

Quadro 1 – Síntese do perfil predominante das pessoas sem religião com crença

Declaração	n.	Discentes	Idade média	Gênero	Cor da pele ou raça	Estado civil	n. filhos/as	Local da Residência	Renda familiar	Média de moradores residência
Sem religião com crença (SRC)	17 (23%)	Graduação (76%)	24	M: (24%)	Parda: (41%)	Solteiro: (94%)	0	Manaus: (6%)	1 a 3 s.m. (41%)	4
		Pós-Graduação (24%)		F: (76%)	Branca: (35%)	União estável: (6%)		Metropolitana BH: (35%)	4 a 6 s.m. (35%)	
		Outro: (0%)		Outro: (0%)	Negra: (24%)	Outro: (0%)		BH: (59%)	Acima de 11 s.m. (23,5%)	

Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2020.

Notamos uma maioria de discentes da graduação entre as pessoas sem religião com crença. Há preponderância do gênero feminino, na autodeclaração da cor de pele/raça verificamos indivíduos pardos, negros e brancos, são na totalidade civilmente solteiros, residentes em áreas urbanas e economicamente o rendimento médio mensal familiar é modesto, considerando a média de quatro pessoas por residência. Cumpre registrar, a idade média é de 24 anos de idade, isto é, a juventude urbana, situando o fenômeno num determinado marco geracional. Sendo assim, consideramos oportuno a verificação do processo e transmissão para as pessoas que se afirmam sem religião com crença.

3. A transmissão da tradição na família das pessoas sem religião com crença

Neste tópico, analisaremos alguns aspectos relativos à transmissão da tradição, os quais integram a memória do indivíduo e a memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Na pesquisa de campo, no questionário estruturado, perguntamos a respeito da infância e da adolescência destes indivíduos, “como era a prática religiosa nas respectivas casas?” As alternativas assinaladas e os respectivos percentuais estão expressos no quadro seguinte.

Quadro 2 – A prática religiosa nos lares das pessoas sem religião com crença

Alternativa	%
Não falavam nada sobre religião em casa. Religião não era uma prática transmitida na minha família.	18%
Meus pais (responsáveis) me ensinavam sobre a religião deles, mas me deixavam livre para escolher outra religião.	12%
Meus pais (responsáveis) me ensinavam sobre a religião deles, porque aquela deveria ser também a minha religião.	41%
Frequentávamos o local das reuniões formais religiosas (ex.: Igreja, Centro, Mesquita, etc).	59%
Além de frequentar as reuniões formais, participávamos de trabalhos sociais e grupos, vinculados à nossa religião.	18%
Em casa também tínhamos práticas religiosas da nossa religião. Ex.: jejum religioso, cânticos, orações, ritos, leituras e estudos.	24%
Em nossa casa nunca, ou raramente tínhamos práticas religiosas (ex.: oração, cânticos, jejum, ritos, etc).	18%
Além de frequentar a religião deles, meus pais e eu também visitávamos outras religiões.	12%
Fiz catecismo, primeira comunhão, etc.	41%

Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2020.

A opção “frequentávamos o local das reuniões formais de religiosas (ex.: Igreja, Centro, Mesquita, etc.)” 59% aglutina a maior concentração; “Meus pais (responsáveis) me ensinavam sobre a religião deles, porque aquela deveria ser também a minha religião” 41% e “Fiz catecismo, primeira comunhão, etc.” 41%. As memórias são principalmente sobre a transmissão pelos ascendentes e responsáveis via locais formais de reuniões e remetem especialmente às memórias católica – catecismo e primeira comunhão, etc., cujo aspecto de transmissão da tradição, ocorreu sobretudo pela via institucional.

Notamos que a referência é principalmente de herança religiosa de matriz cristã, predominantemente católica, mas também desponta a evangélica e pelo viés institucional. A prática da tradição nas casas e a participação em grupos da tradição religiosa, obtiveram 18% cada opção, não foram destaques nas respostas. Pedro Ribeiro de Oliveira (2012) explica que a relativização da vivência religiosa no ambiente familiar, bem como a ausência de participação em grupos da tradição, favorece a desafeição, pois não há o fortalecimento dos vínculos sociais.

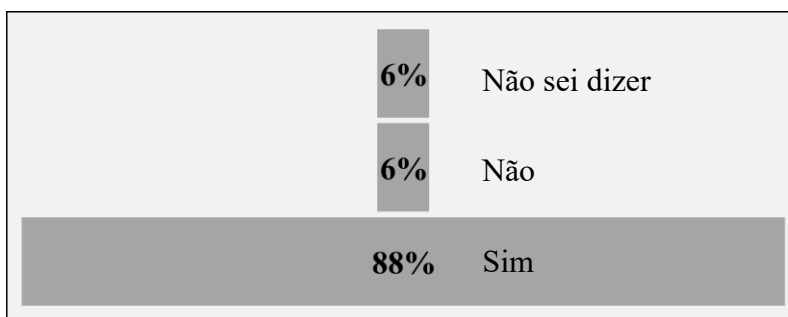
4. A urbanização como aspecto de fragilização da memória religiosa

A nossa tese considera a urbanização como aspecto importante no processo de recomposição da memória religiosa. Na opinião das pessoas sem religião com crença, 71% afirmam que consideram a mudança temporária de espaço, como suficiente para alterar as memórias, incluindo a memória religiosa.

A título de exercício, se considerarmos as pessoas agnósticos, essa confirmação positiva aumenta para 83%. Os ateus 75% também confirmam positivamente a nossa hipótese de alteração temporária do espaço resulta em alteração da memória religiosa. A nossa hipótese é majoritariamente confirmada nos participantes que representam o fenômeno dos sem religião. A urbanização altera a memória religiosa.

Indagados se a mudança do campo para a cidade urbanizada, como um fator que favoreceu ou possibilitou maior mudança de religião, e até mesmo pode contribuir para a pessoa deixar de ter religião, obtivemos os seguintes percentuais.

Gráfico 2 - A urbanização e a fragilização da herança religiosa



Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2020.

Notadamente, a urbanização é percebida pela juventude sem religião com crença 81%, como aspecto que altera a dinâmica cultural, promove mobilidades, reconfigura

identidades e fomenta a recomposição das memórias religiosas. As remodelações dos vínculos sociais, a reconfiguração identitária e a recomposição da memória (HALBWACHS, 2006) são aspectos que se apresentam na paisagem religiosa urbana.

Considerações finais

A partir das contribuições das pessoas sem religião com crença, concluímos que, predominantemente, não há comprometimento para com a transmissão da tradição e a memória relacionada com a herança religiosa, é relativizada. Nesse sentido, Danièle Hervieu-Léger (2005), ao discorrer sobre os “descendentes da fé”, assevera que se não houver continuidade na tradição pelas novas gerações, há um enfraquecimento do “fio da memória”. Destarte, confirmamos a presença de indícios de fragilização da herança religiosa e da recomposição da memória, cuja herança religiosa não se configura na atual identificação religiosa, aspectos presentes na identificação sem religião com crença. (RITZ, 2023b).

A urbanização como aspecto que promove a recomposição da memória é confirmada, afinal, promove mobilidades, que associada a autonomia do jovem moderno e urbano, propicia as reconfigurações identitárias e da memória, aspectos presentes na fragilização da herança religiosa.

Destarte, a nossa tese de fragilização da herança religiosa se confirma e podemos dizer que a tendência verificada foi de descontinuidade na transmissão da tradição, com recomposição da memória religiosa dos jovens urbanos, universitários e sem religião com crença da nossa pesquisa, bem como nos seus respectivos futuros descendentes.

Referências

CRESWELL, John. W.; PLANO CLARK, Vicki. L. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Religioso 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230- 1254, out./dez. 2012.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Agnósticos, ateus e sem religião com crença: a ausência da religião e a predileção pela arte como traços identitários. Revista **Caminhos**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 360-379, 2023a.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. **Eu sou sem religião com crença**: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023b.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. Revista **Caminhos**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Ensaio de espiritualidade não religiosa**: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.